

MEU FILHO... MINHA CRUZ .

(Original em 3 atos de Érico Cramer)

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE, FUNDE COM MÚSICA DE NARRAÇÃO.

Narrador - Si alguém me contasse, como verídica, a história que vou relatar a vocês, eu não teria a menor dúvida em afirmar: " Isso é mentira. Não pode ser. Isso é novela de folhetim barato que me querem im- pingir como história verdadeira." E no entanto, meus amigos, creiam ou não, a verdade é que o drama que vou expôr agora, foi realmente vivido por uma pobre mulher que conheci na minha infância longin- qua e cujo semblante, ainda hoje - apesar dos anos todos que pas- saram - está tão vivo na minha memória que me parece ter sido on- tem que a conheci. (Lembro-me que o meu primeiro contato com ela se estabeleceu no dia em que fugiu de nossa casa uma caturrita que muito estimávamos e que nos pareceu ter ido pousar numa grande ár- vore que existia ao fundo do quintal da casa onde ela morava. (Pau- sa e tom) Embora só a conhecessemos de vista, por se ter mudado para a nossa rua naqueles dias, ainda assim a esperança de poder rehaver a nossa caturrita fez com que nos animássemos a bater na sua porta, suplicando-lhe que nos deixasse entrar no seu quintal. Ela, muito aflita e fazendo sinais para que não falássemos alto, disse-nos à meia voz...

Ismênia - (50 anos - meia voz) Entrem nas pontas dos pés e não pronunciem uma só palavra aqui dentro, por favor. Meu filho está doente e não pode ouvir vozes.

Narrador - Seguimo-la em silêncio, empenhados em imprimir o máximo de leveza aos nossos passos, mas, ainda assim, as velhas táboas do corredor rangiam, por vezes, provocando, no mesmo momento, um gesto da sua mão nervosa, como que a nos pedir que não pizássemos tão forte. (Pausa e tom) Chegando ao quintal, lembro-me que pude observar que a sua fisionomia se tornou mais franca e aliviada, como se tivesse conseguido atravessar um grande perigo. Até a sua voz era outra.

Ismênia - (Mais forte e mais alegre) Pronto, agora vocês podem subir na arvo- re e procurar a caturrita de vocês à vontade. E desejo que consi- gam encontrá-la. (Pequena pausa) Ah, quando quiserem ir embora, eu acompanho vocês até a porta da rua.

Narrador - Nossa volta, sem a caturrita - porque não a encontramos, para pe- zar nosso - foi revestida das mesmas precauções da entrada e ante- cedida das mesmas recomendações:

Ismênia - (tom misterioso) Por favor, não esqueçam: nem uma só palavra, em- quanto estiverem dentro de casa. Meu filho não suporta vozes quan- do está doente.

Narrador - Feita a volta no mais absoluto silêncio, saímos da casa daquela estranha mulher, agradecendo, quasi em sussurros, a sua aquiescen- cia aos nossos desejos. Em casa, como era natural, comentamos com

Substituir pela outra.

nossa mãe o sucedido e esta, por sua vez, repetiu o comentário a uma outra vizinha, dona Iracema, que morava exatamente ao lado da exquisita criatura que estamos focalizando. Dona Iracema, que era conhecida como o "sherife" da quadra, tratou logo de pôr nossa mãe ao corrente do que sabia.

Iracema - Mas ela tem um filho que é uma verdadeira peste, dona Rosa. A senhora não sabia?

Rosa - Não, dona Iracema, não sabia de nada.

Iracema - Meu Deus! Chega a dar raiva na gente saber o que ele faz para a coitada.

Rosa - E como é que a senhora sabe? A senhora já a conhecia antes?

Iracema - Não, que conhecia, nada! Mas deixe eu lhe contar como foi que fiquei sabendo de tudo: no dia em que ela se mudou para a nossa visinhança...

OPERADOR - HARPEJO RÁPIDO.

Iracema - (chegando, afobada) Deoclécio... Deoclécio... uma grande novidade na nossa rua, marido.

Deoclécio- Que novidade, mulher?

Iracema - A casa ao lado da nossa foi alugada.

Deoclécio- Como é que você sabe?

Iracema - Pois agora mesmo eu estive na porta da rua, atendendo o padeiro, e vi uma carroça parada aí ao lado, cheia de moveis.

Deoclécio- E você já aproveitou para bisbilhotar tudo que a nova vizinha tem, não é?

Iracema - Credo, marido! Quem ouvir você falar assim, ha de pensar que eu sou mesmo uma bisbilhoteira.

Deoclécio- (calmo e sorridente) E você não é?

Iracema - Deus me livre! Por mim a vizinhança pode andar até de pernas para o ar porque não está me interessando. Cuido da minha vida e pronto.

Deoclécio- (depois de pausa, pensativo) Tomára que venha gente bôa vizinhar conosco. Essa coisa da gente ter por vizinhos gente que não presta, é horrível.

Iracema - Si é! Eu sempre me lembro do trabalho que nos deu a dona Afonsi na, quando morava aí nessa casa. Também... eu botei tanto sal grosso na porta dela que ela acabou se mudando. Era um mulher muito sem classe, credo! Essa que está se mudando hoje parece uma pessoa mais ou menos. Você sabe que ela trouxe até um frigorífico na mudança?

Deoclécio- Hum! Milagre que você não tivesse dado fé.

Iracema - Que bobagem, Deoclécio. Pois si o frigorífico estava bem à vista... bastava que se olhasse pra carroça que a gente logo via. Eu acho, até, que já botaram ele assim na frente só pra chamar a atenção.

Deoclécio- Pode ser, mas mesmo que êle estivesse escondido você não deixaria de vê-lo.

Iracema - Que horror, Deoclécio! Isso até já parece mania em você, achar que eu me preocupo com a vida da vizinhança. Deus me livre! Para que? Eu não tenho nenhum interesse.

Deoclécio - (depois de pausa) Eu não gosto de vizinhos novos. A gente nunca sabe se vai se dar bem. Quando eles têm crianças, então, aí é que...

Iracema - (corta) Eu acho que esses não têm, marido, sabe por que? Porque as duas camas que eu vi na mudança são camas de adultos.

Deoclécio - Bem, às vezes eles não têm crianças mas têm rádio. Ligam a todo o volume e obrigam...

Iracema - (corta) Bom, rádio eles tem que eu já vi.

Deoclécio - Ah, você já viu também o rádio? E isso que você não gosta de reparar. Imagine se gostasse.

Iracema - Óra, marido, mas como é que eu não ia ver, si quando eu cheguei na porta a senhora ia entrando com o rádio nos braços? Também... tirou disso, eu não sei lhe dizer mais nada. Que me importa o que a vizinhança possa ter? Você sabe que eu nem gosto de muita conversa com eles. É bom dia... boa tarde e acabou-se.

Deoclécio - Outro problema sério, na vizinhança, são as mocinhas com os namorados pendurados nas janelas. Isso então é ...

Iracema - (corta) Mocinhas não tem, marido. Pode ficar descansado.

Deoclécio - Como é que você pode saber, Iracema?

Iracema - Porque a senhora me disse.

Deoclécio - O que?!... Você já falou com a vizinha nova?

Iracema - Claro, marido. Pois então eu não havia de falar? A senhora cumprimentou... eu respondi. Ela falou, eu não ia deixar de responder. Aí entabulamos conversação e eu disse a ela que si precisasse de alguma coisa que nós estávamos às ordens. É uma senhora de meia idade. Feia, mas muito simpática. Muito amável... muito bem conversada... Eu até vou dizer a ela que si quiser vir almoçar aqui...

Deoclécio - (corta) Como, Iracema? Você não pode fazer isso. Você nem sabe quem ela é.

Iracema - Óra, não sei, Deoclécio. Basta a gente olhar para saber.

Deoclécio - As aparências muitas vezes iludem, Iracema; não esqueça disso.

Iracema - Você é muito desconfiado, marido. Está sempre de pé atrás com os outros. Que coisa!

Deoclécio - É que eu prefiro não avançar para não ter que recuar depois. E por isso é que eu lhe digo, agora, que você não faça relações com a nova vizinha, sem saber, antes, quem ela é e de onde vem.

Iracema - Mas si eu não fizer relações com ela, como é que eu vou saber isso, marido?

Deoclécio - A gente vai sabendo aos poucos. Vai olhando... vai observando... aparece um que sabe uma coisa... aparece outro que conta outra coisa... e no fim, sem a gente procurar, fica sabendo de tudo.

Iracema - Ih, marido, assim demora muito e eu não tenho paciência pra esperar.

Deoclécio - Demora, mas que tem? Não ha maior pressa em se saber. Enquanto isso... vai-se observando a maneira dela, vai-se vendo como ela se porta... as amizades que recebe... o meio em que vive... e aí a gente tira uma base si a amizade dela serve ou não serve.

CONTRA REGRA - OITO BADALADAS ESPÁÇADAS.

Deoclécio - Bem, eu vou andando que já está quasi na hora do meu serviço.

Iracema - Você vem almoçar em casa ou vai almoçar com a sua irmã?

Deoclécio - Não sei, Iracema, ainda não resolvi nada ao certo.

Iracema - Por que você não vai? Ela está de aniversário, na certa o almoço ha de estar melhorado e você vai comer umas coisinhas boas. De tarde eu dou uma chegadinha lá, faço a minha visita e assim, de noite, a gente fica sem a preocupação de ter que sair de casa com este calôr.

Deoclécio - Tem razão. Fica melhor assim, realmente. Então está resolvido: eu vou almoçar com ela. Até logo, Iracema.

Iracema - Até logo, marido.

CONTRA REGRA - PASSOS DE HOMEM QUE SE AFASTA. PORTA QUE ABRE E FECHA EM 3º PLA-

NO.

OPERADOR - HARPEJO RÁPIDO.

Iracema - (narrando) Logo que o Deoclécio saiu, eu pensei comigo: vou aproveitar que ele não vem almoçar em casa, vou convidar a vizinha no va para almoçar comigo e já vou ficar sabendo de tudo a respeito da vida dela.

Rosa - E foi ela mesma que lhe contou a respeito do filho?

Iracema - Claro. Então a senhora acha que iria lhe contar uma coisa, sem ter certeza absoluta? Deus me livre! Eu pra essas coisas tenho muito cuidado.

Rosa - Mas o que tem o filho dela, afinal?

Iracema - Ela não me disse claramente, mas ouça a conversa que eu tive com ela e depois me diga que dedução a senhora tira.

OPERADOR - HARPEJO RÁPIDO.

Iracema - Naturalmente a senhora, com a atrapalhação da mudança, nem teve tempo de cosinhar, por isso eu me lembrei de convidá-la para ir almoçar comigo, vizinha.

Ismênia - Ah, muito obrigada, vizinha. Agradeço muito a sua lembrança, mas não poderei aceitar o seu convite.

Iracema - Óra essa, por que?! A senhora não pode ficar sem almoçar. E si é por cerimônia que recusa o meu convite, não faça isso porque eu ficarei muito sentida com a senhora. Inda mais que o meu marido não vem e eu vou almoçar sózinha.

Ismênia - Não é por cerimônia, não senhora. É que... é que eu tenho um filho, sabe? Eu não poderia ir almoçar com a senhora e deixá-lo sózinho em casa.

Iracema - Mas ele pode ir com a senhora, eu terei muito prazer.

Ismênia - Ele não vai. A senhora diz isso porque não conhece o meu filho.

Iracema - Que é que tem o seu filho? E por que motivo a senhora garante que ele não irá?

Ismênia - (atrapalhada) Bem... é que... Eu vou dizer à senhora o que se passa com meu filho, mas por favôr eu lhe peço: não comente esse fato com ninguém, porque se Odorico viesse a saber que eu falei a alguém sôbre a sua maneira de viver, poderia pensar que eu estou me queixando e d'ele nunca me perdoaria.

Iracema - Odorico quem é? O seu filho?

Ismênia - É, sim senhora. (Pausa e tom) Dêsde que eu perdi meu marido que meu filho ficou doente dos nervos e não admite a presença de ninguém mais a não ser a minha. Quando ouve vozes estranhas, dentro de casa, fica de tal maneira irritado que às vezes chega a ter uma crise de histeria. Eu estou lhe dizendo isto, porque a senhora, naturalmente, ha de ter extranhado o fato de eu não a ter convidado a entrar, e eu quero lhe explicar os motivos da minha falta.

Iracema - Óra, vizinha, nem se preocupe por causa d'isto. Entã a senhora acha que ele não aceitaria o almoço na minha casa?

Ismênia - Que esperança!... Não aceitaria e não me deixaria aceitar tambem.

Iracema - É? E que idade tem o seu filho, vizinha?

Ismênia - Dezenove anos feitos.

Iracema - Ah, mas então é um moço. E não trabalha? Não faz nada? Passa o dia todo dentro de casa?

Ismênia - (sofrendo) Passa o dia todo encerrado no quarto... e a maior parte das horas do dia... martirizando-me.

Iracema - Que horror, vizinha!... Que cruz pesada a sua, credo!...

Ismênia - É realmente uma cruz muito pesada, mas... que fazer? Deus quiz que fôsse assim, nã me resta outro remédio sinão curvar-me, resignada, à vontade dele e seguir carregando a minha cruz!...

OPERADOR - HARPEJO RÁPIDO

Iracema - O que é que a senhora acha, dona Rosa? Nã acha que um homem de quasi vinte anos, que vive encerrado dentro de um quarto, que não pode ver ninguém, nem ouvir voz alguma e tem prazer em martirizar a mãe, só p_ode ser louco?

Rosa - Está claro. É a única coisa que se pode pensar.

Iracema - Si não é louco é semvergonha, mas o que eu sei é que ela tem um medo dele que se pela.

Rosa - Coitada! Será que ela nã tem meios para botá-lo numa casa de saude ou num Sanatório?

Iracema - Já me disseram que ela tem, mas com certeza nã quer gastar. A senhora sabe com~~o~~ gente de dinheiro: quanto mais tem menos quer gastar.

Rosa - E pode ser, tambem, que ela não tenha tido essa ideia. Era o caso da gente falar com ela e aconselhar.

Iracema - É mesmo, vizinha, a senhora teve uma bôa ideia. Quando eu falar com ela outra vez vou aconselhá-la. E a senhora tambem, si tiver oportunidade de conversar com ela, faça a mesma coisa. A gente não tem

nada com isto, porque cada um cuida da sua vida, mas também a gente
em coração, que a gente não é bicho, - não é mesmo? - e fica com pena de
ver a pobre da velhota sofrer dessa maneira com o desalmado do filho.

Rosa - É, sim. E a gente sempre se lembra que podia ser com a gente, não é mes-
mo?

Iracema - Está claro. Então estamos combinadas, vizinhas: vamos fazer uma campa-
nha em favor de dona Ismênia, convencendo-a a botar o filho num Sana-
tório, afim de que ela possa viver uma vida melhor e mais socegada.
Como é que a senhora vai fazer? A senhora vai procurá-la?

Rosa - Não fica bem. Eu não poderia dizer a ela que a senhora me contou o que
se passa com ela. Ou poderia?

Iracema - Não, não, não! Pelo amor de Deus! Ela ia ver que eu não guardei segredo
e nunca mais me contaria coisa alguma. Não faça isto.

Rosa - Ah, mas espere aí... Eu posso fazer uma coisa: eu posso ir convidá-la
para fazer parte do nosso apostolado e aí, com jeito, provocar que ela
me conte a sua vida e então...

Iracema - (entusiasmo) (Corta) Isto, vizinha, isto! Ótima ideia!... Faça isso,
então e depois me conte.

OPERADOR - RÁPIDO HARPEJO

Narrador - Minha mãe foi procurar dona Ismênia e, na porta da rua, à meia voz,
conversou longamente com ela. Procurou, por todos os modos, convencê-
la a internar o filho numa casa de saúde, mas não logrou alcançar o seu
intento. Aquela mãe amorosa e terna julgava-se no dever, inapelável, de
resistir a tudo e tudo sofrer em silêncio ao lado do filho que era uma
cruz pesada, mas que ela deveria carregar nos seus ombros cansados,
mesmo à custa dos maiores e mais dolorosos padecimentos. Cada vez que,
por acaso, ela chegava à porta ou à janela e que, por acaso também,
conseguíamos por-lhe os olhos em cima, notávamos que mais e mais se
acentuavam, à medida que o tempo passava, a sua tristeza e o seu em-
grecimento. Tão impressionados se mostravam todos com aquele martírio
lento e silencioso, que um dia resolveram falar ao Padre Agostinho,
para que ele fôsse, em pessoa, à casa daquela pobre mulher, convencê-
la de que lhe cabia o direito de procurar viver um pouco menos atribu-
lada, internando seu filho enfermo num sanatório de doentes mentais.
E o boníssimo padre Agostinho, cedendo aos rógos das irmãs congregadas,
foi à casa de dona Ismênia conversar com ela. Magra e desfigurada, a
pobre mulher veio atendê-lo, com a mesma expressão de susto com que aten-
dia a todos que lhe batiam à porta.

OPERADOR - HARPEJO RÁPIDO.

Padre - Boa tarde, minha filha.

Ismênia - (desconfiada) Boa tarde... Desejava alguma coisa?...

Padre - Sim. Desejava visitá-la... e também ao seu filho.

Ismênia - O meu filho... o meu filho não recebe visitas. Por favor vá embora,
sim? Não insista, eu lhe peço. Vá embora, vá embora. Deixe-nos em paz.
(alterada) Por que hão de querer meter-se na nossa vida? Por que?

Padre - Minha filha, acalme-se. Eu não vim aqui para...

Ismênia ^(corta) - Eu não quero conversar com o senhor. Eu não posso, eu não posso! Meu filho não quer que eu receba ninguém. (desespero) Vá embora, já disse. Não me obrigue a corrê-lo de minha casa. (mais forte) Vá embora, não ouve? (gritando, nervosa) Vá embora! Vá embora!... (em pranto perdido) Vá embora!...

OPERADOR - CARACTERÍSTICA FORTE, PARA FINAL DO 1º ATO.

LOCUTOR - PUBLICIDADE COMERCIAL

OPERADOR - CARACTERÍSTICA FORTE PARA INICIO DO 2º ATO, FUNDE COM MUSICA DE NARRAÇÃO QUE FICA EM B/G.

Narrador - Diante daquela explosão inesperada de dona Ismênia, o boníssimo Padre Agostinho ficou, por alguns instantes, completamente atônito e sem saber que atitude tomar. Em seguida, no entanto, refazendo-se da surpresa enorme que o acometera, começou a passar a mão, carinhosa e paternalmente, sobre os cabelos da pobre mulher, que soluçava perdidamente, apoiada sobre o batente da porta, o corpo a tremer, como um frágil arbusto que o vento sacudisse. Passados os primeiros ímpetos daquele pranto, quando os nervos daquela infeliz criatura já não pareciam tão tensos, aliviados que haviam sido por uma verdadeira torrente de lágrimas, o bom sacerdote, procurando imprimir à sua voz toda a doçura que o seu coração extrava-sava, começou a falar-lhe, mansamente.

Padre - Pobre filha! Quanto deves sofrer!... Tú bem precisas de um coração amigo, com quem possas desabafar as tuas angústias e essa tristeza infinita que te oprime o coração. E o coração amigo está aqui ao teu lado, minha filha. Esta mão que te afaga está disposta a apoiar-te no caminho de espinhos que o destino traçou para a tua vida. Não me trouxe aqui outra intenção que não fôsse a de te dar auxílio, procurando desviar-te dos espinhos que te ferem os pés cansados. Se, por motivos particulares, não me queres ouvir na tua casa, vai à casa de Deus e eu lá estarei sempre, e inteiramente, às tuas ordens. Deus jamais negou, aos que o buscam, o seu amparo e o seu auxílio. (pausa) Regeitas o auxílio que ofereço em nome do Pai de misericórdia? (nova Pausa) Vamos, fala.

Ismênia - (chorosa, depois de pausa) Não, meu padre, eu não aceito. Eu preciso mesmo de alguém que me ajude a carregar a minha cruz. Ela é pesada demais para os meus ombros frágeis.

Padre - Eu te ajudarei, minha filha. Quando quizeres, a casa de Deus estará aberta para ti.

Ismênia - Eu irei lá amanhã, eu irei. Mas por favor, vá embora agora, vá. Si meu filho desconfiar que eu estou aqui conversando com o senhor, eu sei o que sofrerei, depois.

Ismênia - Está bem, minha filha, eu vou. Amanhã conversaremos com calma, naquela doce paz da mansão do Senhor.

OPERADOR - RÁPIDO HARPEJO.

- NARRADOR - No dia seguinte, o boníssimo sacerdote, no afan de aliviar uma alma enferma, esperou, ansiosamente, a visita de dona Ismenia, mas ela não apareceu. Minha mãe, interessada no desenrolar dos acontecimentos, ao saber que a vizinha nova faltara ao encontro marcado com o Padre Agostinho, foi imediatamente à casa de dona Iracema, para que esta, por cima do muro do quintal, indagasse da vizinha as razões de sua ausência. E dona Iracema, gostosamente, tratou de cumprir, logo, a missão que lhe haviam confiado.
- Iracema - Ha mais de uma hora que eu estava aqui, de guarda, esperando que a senhora aparecesse na porta do quintal, para poder chamá-la e falar com a senhora. Ele já dormiu?
- Ismênia - Neste momento. Dei-lhe a xícara de caldo, em seguida o remédio e não faz dez minutos ele adormeceu.
- Iracema - E não ha perigo de que se acorde e dê pela sua ausência?
- Ismênia - Não. Agora, com o efeito do remédio, ele dorme, pelo menos, três horas seguidas.
- Iracema - Então podemos conversar à vontade, sem correr o risco de que ele ~~me~~ nos surpreenda. Sabe por que ^{estou aqui?} ~~eu estava a sua espera?~~ Porque a vizinha Rosa me disse que o Padre Agostinho ficou à sua espera, hoje, o dia todo e a senhora não apareceu.
- Ismênia - Pois é, eu tinha prometido a ele que iria, mas não foi possível.
- Iracema - Ele esteve ante-ontem na sua casa, não foi? A dona Rosa me disse também.
- Ismênia - Esteve, sim, e como eu não pude conversar direito com ele, disse que iria hoje à igreja para falarmos descansadamente. É que eu pretendia fazer isto depois do almoço, enquanto meu filho dormisse a sesta, mas aconteceu que ele se distraiu colando selos num album e não dormiu. Eu não pude ir. *Eu não me acertei muito bem com ele, mas a verdade a gente tem que dizer.*
- Iracema - Foi pena. O Padre Agostinho poderia ajuda-la muito. Não vai amanhã?
- Ismênia - Não sei... Eu gostaria de ~~conversar com ele~~, mas às vezes me assalta um pensamento exquisito... Parece-me que fazendo qualquer coisa às escondidas de meu filho eu o estou atraindo, estou procedendo com ele de maneira desleal, entende?
- Iracema - Bem, mas si a senhora não pode fazer de outra maneira porque ele não lhe permite... Para lhe falar bem francamente, eu acho isso um excesso de escrúpulo da sua parte. Afinal a verdade...
- Deoclecio - (de longe, projetando) Iracema, venha para dentro, m... her. Você vai apanhar esse sereno da noite, vai ficar atacada dos rins e depois não vai poder dormir a noite toda, criatura.
- Iracema - (projetando, mas procurando não gritar muito) Já ~~Deoclecio~~, Deoclécio. É só um momentinho, eu não demoro. (TOM) Ele tem medo que a humidade me faça mal aos rins e eu não possa dormir. Mas voltando ao assunto que estavamos falando, a senhora acha que será desleal com o seu filho se procurar o padre Agostinho sem ele saber?
- Ismênia - Para falar a verdade, acho.

Iracema - Mas então por que a senhora não conversa com ele e diz que vai à Igreja? Acha que...

Ismênia - (porta, assustada) Deus me livre! Bem se vê que a senhora não conhece o meu filho. Si a senhora o conhecesse, nem se animaria a me sugerir uma coisa dessas.

Iracema - Que horror, dona Ismenia! Mas então a senhora me permita a franqueza de lhe dizer que seu filho é um carrasco. Sim, porque nenhum filho tem o direito de escravizar a mãe da maneira que o seu lhe escravisa. Mas a senhora deve ter culpa dessa situação. Com toda a certeza se entregou a ele e nunca procurou reagir.

Ismênia - Bem... realmente assim foi.

Iracema - Ah, pois aí é que a senhora andou mal.

Ismênia - Mas a senhora compreende... Eu tinha pena dele. Tinha e tenho. A senhora sabe lá o que é, para uma mãe, ver seu filho incapacitado para as coisas mais banais desta vida e não encontrar nenhum remédio que possa libertá-lo desse martírio? É uma angústia que excede a toda a capacidade de compreensão.

Iracema - E a senhora não procurou ouvir a nenhum especialista?

Ismênia - Claro que procurei. Por que estou aqui e por que me sujeito a viver da maneira que vivo? Porque um especialista me aconselhou a mudar de ares e a não contrariá-lo na menor das suas vontades.

Iracema - Ah bem... eu não sabia esse detalhe.

Ismênia - E o pior de tudo é que meu filho ainda me julga culpada pelo que lhe sucede. Frequentemente atira-me em rosto que ~~me~~ deve exclusivamente a mim a vida desgraçada que ~~xxx~~ leva.

Iracema - Como assim?!

Ismênia - Diz que si eu me tivesse tratado convenientemente, durante o período da sua gestação, que êle está certo de que teria nascido com os nervos equilibrados e não viveria, como hoje vive, asfixiado por tantos complexos.

Deoclécio - (de longe, projetando) Iracema!... Não seja teimosa, mulher!... Não apanhe humidade. Olhe que o sereno da noite faz mal pra você. Depois, nem você dorme e nem me deixa dormir. Venha para ~~o~~, ande.

Iracema - (projetando, não muito forte) Já vou, marido, não amola. Eu agora não posso que estou num assunto muito importante. Vá você dormir que eu não demoro. (tom natural) Que homem cacete! Não deixa gente conversar direito.

Ismênia - Quem sabe a senhora entra? Ele pode ficar aborrecido comigo e eu não quero.

Iracema - Não senhora ~~que~~ esperança! Depois eu explico a ~~ela~~ e fui eu que chamei a senhora. (TOM) Mas então o seu filho ainda lhe culpa da enfermidade dele? Ainda lhe atira isso em rosto?

Ismênia - (triste) É, vizinha! A senhora nem sabe o quanto eu sofro! Eu não devia estar lhe dizendo estas coisas, porque parece que eu estou falando do mal do meu próprio filho, mas a senhora sabe que há dias em que a

gente sente necessidade de desabafar? *Não é mesmo?*

Iracema - Mas é claro! O desabafo alivia o coração da gente. E depois, para mim a senhora pode falar sem nenhum receio, porque eu não sou dessas que costuma fazer assunto daquilo que ouve. Principalmente si a pessoa me pede reserva. Aí então, eu vou lhe dizer... eu posso morrer porque não me arrancam isto. Mas continue, dona Ismênia, continue.

Ismênia - A senhora sabe que ha momentos em que eu sinto que ele me odeia, dona Iracema?

Iracema - Não diga, vizinha!...

Ismênia - É verdade. Quando ele briga comigo por qualquer coisa que eu não fiz ao seu gosto, os seus olhos desprendem chispas de ódio. Ah, dona Iracema! As coisas que ele me diz nessas ocasiões... até ao relembrá-las a gente sofre. Nos dias assim, si não fôsse pecado fugir do mundo e deixá-lo sósinho, juro-lhe que era o que eu tinha vontade de fazer.

Iracema - Coitada da vizinha! Como eu tenho pena da senhora!...

Ismênia - Eu perdi tudo por causa dele! Meu marido... minha mocidade... mais da metade da minha fortuna... e agora... até a minha saúde estou perdendo. Antigamente eu resistia corajosamente às suas investidas e embora ficasse magoada e triste com as injustiças que ele me dizia, não sentia, fisicamente, nenhum abalo maior. Hoje... depois de cada uma das suas crises, eu tenho que recorrer aos calmantes antes que a minha angústia me sufoque. A última vez - foi ante-ontem - eu quasi chamei pela senhora de tão mal que ~~eu~~ me senti.

Iracema - Mas devia ter chamado, vizinha. Que diabo! Afinal a gente está aqui para servir. ~~Ele~~ ~~comigo~~ a senhora pode contar porque eu estou sempre em casa. Olhe: e nem precisa chegar na frente ou no quintal, basta bater na parede que eu já estou avisada e virei em seguida.

Ismênia - Muito obrigada, dona Iracema.

Iracema - É, não faça nenhuma cerimônia comigo. E a senhora já sabe que eu não sou de conversas, pode me chamar sem nenhum receio.

Deoclécio - (de longe, projetando) Iracema!... Você vem para dentro ou não vem, mulher? Quer que eu vá aí fora buscá-la? Si esta noite você se acordar com dor nos rins, não chame por mim porque eu ~~lhe~~ atendo.

Iracema - (mau humor, gritando forte) Já vou, Deoclécio, já vou. (tom) Que homem chato, meu Deus!... A gente nem pode conversar de cansada!...

Ismênia - Vá, dona Iracema, vá. A noite está realmente muito humida e a senhora pode prejudicar a sua saúde.

Iracema - É, eu vou porque si esse homem grita mais uma vez por mim eu sou capaz de chegar lá dentro e esguelá-lo. Até amanhã então, vizinha.

Ismênia - Até amanhã, dona Iracema. Desejo que a senhora não ~~faça~~ nada.

Iracema - Não vou ter, não se assuste. (afastando) E já sabe, hein vizinha? Si precisar de alguma coisa, bata na parede que eu lhe atendo na mesma hora.

OPERADOR - RÁPIDO BARBEJO.

Narrador - Dona Iracema, embora tivesse afirmado à vizinha que não era mulher de conversas, na manhã seguinte contou tudo à minha mãe que, por sua vez, foi relatar todo o assunto ao padre Agostinho. O sacerdote, que já estava realmente interessado em fazer valer o seu auxílio à pobre mulher, começou a viver com ela, mesmo de longe, toda a tremenda angústia daquela pobre mártir. Depois de ^{muito} pensar, inútilmente, na melhor maneira de se aproximar da infeliz criatura, teve, afinal, uma ideia que lhe pareceu salvadora e, de imediato, transmitiu-a à minha mãe.

Padre

(Padre)
Agostinho - Escute, dona Rosa: naquela conversa toda que a dona Iracema teve com ela e que a senhora me transmitiu, houve um momento em que ela disse que perdeu o marido por causa do filho; não foi isto?

Rosa - Pelo menos foi assim que a dona Iracema me contou.

Agostinho - A senhora não tem, como eu, a impressão, ~~xxxxxxxxxxxx~~ de que o marido a abandonou?

Rosa - Pois eu tenho, o senhor sabe? Ainda quando a dona Iracema ^{estava me} ~~me con-~~ *contando, eu me lembrei desse detalhe e perguntei a ela* ~~teu, eu perguntei esse detalhe,~~ (mas ela me disse que não teve tempo de esclarecer esse ponto porque o marido atrapalhou.

Agostinho - Pois seria interessante sugerir à dona Iracema que aclarasse essa dúvida e, em caso afirmativo, conseguisse arrancar o nome e, si, possível, o endereço do marido para que eu pudesse me dirigir a ele.

Rosa - Padre Agostinho! Que boa ideia o senhor teve! Foi Deus que o inspirou, com toda a certeza.

Agostinho - Acredito que sim. Ele está lendo, dentro do meu coração, o desejo grande e sincero de poder ajudar essa pobre filha. Naturalmente foi ele que me indicou o caminho.

Rosa - O senhor talvez pudesse convencê-lo a ajudar aquela pobre infeliz. Quem sabe, até, si a ausencia do pai não está influenciando no espírito perturbado do rapaz e fazendo com que o seu mal se agrave?

Agostinho - É bem possível que sim. E mesmo que isso não ^{esteja acontecendo,} ~~acontecesse,~~ minha filha, a satisfação moral de ver retornar o seu esposo, para ajudá-la a carregar uma cruz tão pesada, já seria um consolo para a pobre mulher.

Rosa - Exatamente. Pois ~~paure~~ padre Agostinho, eu vou agora mesmo procurar a dona Iracema e pedir a ela, em seu nome, que trate de conseguir, o mais breve possível, esse esclarecimento que necessitamos. E assim que ela me diga qualquer coisa, eu virei avisar o senhor.

Agostinho - Vá então, minha filha, mas não peça em meu nome, não. Fale como coisa sua, porque você sabe que a dona Iracema, desde aquela questão com a família da dona Isaltina, ficou de ~~previsão~~ ^{previsão} comigo, porque dei razão à outra, e nunca mais apareceu na igreja.

Rosa - Está bem. Si o senhor acha melhor que eu fale em meu próprio nome..

Agostinho - Acho sim. Será muito mais fácil que ela atenda ao seu pedido do que ao meu.

Rosa - Então estamos conversados. Assim que eu souber qualquer coisa virei avisá-lo. Sua benção, padre Agostinho.

Agostinho - Que Deus te abençõe e te acompanhe, minha filha.

OPERADOR - RÁPIDO HARPEJO.

Narrador - Dona Iracema, si bem lhe pediram... melhor fez. Voltou a falar com dona Ismênia e depois de insistir, por várias vezes, no assunto, con seguiu, finalmente, arrancar o nome e o endereço do homem que o pa dre Agostinho desejava identificar. Minha mãe, cheia de alegria e de esperança, correu a levar ao sacerdote as indicações que ele pre cisava. O padre, naquele mesmo dia, dirigiu ao desconhecido uma longa missiva, cheia de conselhos e de exortações. Seguiu-se o perí odo de espera da resposta. Os dias iam passando... passando... e a resposta não chegava. Nova carta foi escrita e novo período de es pera. Nada. Quando todos começavam a acreditar que o coração endu recido daquele homem não se abria aos rógos do boníssimo sacerdote, eis que voltam, devolvidas pelo correio, as duas cartas escritas, trazendo uma anotação bem visível, feita a lápis vermelho: "o des tinatário não foi encontrado e não é conhecido aqui." Ficaram todos desnorteados. Que ele não fôsse encontrado, podia muito bem ser. Era possível que, ao separar-se da mulher, houvesse resolvido transferir residência para qualquer outra cidade, ^{a fim de} ~~para~~ ficar mais distante da família, mas que ele não fôsse conhecido, isso causava uma certa ex tranheza a todos, tanto mais levando-se em conta que a sua mulher e o seu filho haviam vivido alí até muito pouco tempo. Novamente do na Iracema, sem dizer a verdade, voltou a falar no assunto a dona Ismênia e ela, com inteira convicção e absoluta certeza, repetiu à vizinha o mesmo nome e o mesmo endereço que havia dado anteriormen te. Desnorteado e sem saber o que pensar, o Padre Agostinho resol veu...

Agostinho - Minha irmã, nas suas últimas cartas, me pede, com insistência, que eu vá passar com ela o seu aniversário. Não me custará muito, já que as cidades são próximas, sair alguns dias antes e ir até lá, fazer pessoalmente as investigações. E é o que eu vou fazer.

Narrador - Passados alguns dias, o sacerdote embarcou. Minha mãe, dona Iracema e todas as pessoas que tinham conhecimento do ~~o~~ ficaram aguardando, ansiosas, a sua volta. Nesse meio tempo, entretanto, numa noite em que o vento soprava rijo lá fóra, dona Iracema, no silên cio da madrugada, foi, de repente, despertada por um ~~as~~ batidas se cas na parede. Levantou-se, de um salto e mais pelo desejo de satis fazer a sua curiosidade do que mesmo pelo dever de socorrer a visi nha, disse alvoroçada ao marido...

OPERADOR - VENTO FORTE BEM EM FUNDO, ASSOBIANDO.

CONTRA REGRA - BATIDAS AFASTADAS E SECAS NA PAREDE.

Iracema - Deoclécio! Deoclécio! A vizinha está batendo na parede, pedindo so corro. Eu vou lá atendê-la.

OPERADOR - SOBE O VENTO EM FUNDO E FUNDE COM CARACTERÍSTICA MUSICAL PARA FINAL DO 2º ATO.

LOCUTOR - PUBLICIDADE COMERCIAL.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE, FUNDE COM VENTO SOPRANDO FORTE QUE PERMANECE EM FUNDO PARA TODA A CENA.

NARRADOR - Quando dona Iracema chegou à porta da rua da casa da vizinha, não teve necessidade de bater, porque esta já tivera o cuidado de vir abri-la, desde o momento em que começou a sentir aquela terrível sufocação que ameaçava arrebatá-lhe a vida. Dona Iracema entrou no corredor mal iluminado, encostou a porta com cuidado e foi seguindo em frente, indecisa, na semi-escureidão do ambiente. Encontrou a porta de um quarto, também mal iluminado e, entreabrindo-a, vislumbrou, na penumbra reinante, o corpo de um homem, estendido na cama, em absoluta imobilidade. Recuou instintivamente, tornando a fechar a porta e seguindo, desorientada, ao longo do corredor. Entrou no segundo quarto e lá estava dona Ismênia, ofegante e cansada, reclinada sobre os travesseiros. Dona Iracema ~~se~~ aproximou ~~se~~ em silêncio e ~~se~~ curvou ~~se~~ sobre a vizinha enferma. Ela entreabriu os olhos naquele justo momento e o seu primeiro gesto foi levar o ~~dado~~ ^{dedo} aos lábios, como ^{que} a pedir silêncio. Em seguida, passando o braço sobre o pescoço da recém-chegada, disse-lhe, ao ouvido, baixinho e com dificuldade.

Ismênia - Por favor... ajude-me... a levantar-me... e leve-me... para a cozinha... Aqui... ele... poderia... ouvir... a sua voz... e seria... perigoso...

Narrador - Dona Iracema, no mais absoluto silêncio, ajudou-a a arrastar-se pelo longo corredor até atingirem a cozinha, onde sentou-a numa espreguiçadeira que lá se encontrava, por acaso, recolhida que fôra, do quintal, ao anoitecer. Depois de acomodar a sua cabeça numa almofada, tratou de ~~medicá-la~~ fazer, logo, a medicação caseira das comadres, passando-lhe vinagre na testa... álcool nos pulsos... dando-lhe a tomar um café forte e abanando-a com a tampa de uma caixa de papelão que encontrara ao alcance do seu braço. Mais de uma hora permaneceu ali, fazendo ora uma coisa, ora outra e repetindo a dose do café, rezando sempre a mesma ladainha...

Iracema - Beba, vizinha, beba. O café é bom. Reanima.

Narrador - Por efeito das providências tomadas, ou por mera ~~causa~~ do acaso, a crise foi debelada e a enferma adormeceu. Dona Iracema aproveitou logo a trégua para passar um exame na cozinha. Abriu as portas de gêneros, verificou o conteúdo de cada uma, examinou o forno e o fogão, a caldeira, analisou o bordado dos panos da cozinha, as ~~letras~~ ^{letras} neles gravadas, tudo, enfim. Ao ~~fim~~ ^{final} de uma meia hora, talvez quando se dispunha a acender novamente o fogareiro para tomar um café, dona Ismênia acordou já ~~mais~~ aliviada e, embora enfraquecida, ~~podia~~ ^{podia} falar com mais desembaraço e sem aquela canseira terrível que tanto a afligia. Fazendo sinal para que a vizinha se sentasse num mocho de madeira que se encontrava ali perto, disse-lhe com voz débil:

Ismênia - Vizinha, eu nem sei como lhe agradecer o auxílio que me emprestou.

Iracema - Ora agradecer, dona Ismênia! Nem agradeça. Agradecer o que? Afinal

nós estamos no mundo para servir uns aos outros.

Ismênia - Eu sei... mas é que nem todos pensam assim. A senhora foi tão bôa, entendeu tão depressa...

Iracema - Não fiz mais ^{do} que o meu dever. Mas não fale, agora. Talvez seja ~~mais~~ conveniente que descanse mais um pouco.

Ismênia - Não é necessário. Sinto que já passou a crise. Posso lhe garantir que dentro de mais meia hora estarei completamente refeita. Mas desta vez a coisa foi séria, visinha. Pensei de morrer.

Iracema - A senhora... se incomodou novamente com seu filho? •

Ismênia - Sim. Quer dizer... ele que se incomodou comigo. Ficou tão exasperado que chegou a jogar-me o despertador na direção do meu rosto. Felizmente não me acertou, do contrário, agora, eu estaria ferida.

Iracema - Mas por que tanta fúria afinal, visinha? O que foi que a senhora fez

Ismênia - Ele desejou comer um bife às duas horas da manhã. Eu lhe disse que não tinha carne em casa porque ele mesmo a comêra toda no jantar. Ele me disse que fôsse buscá-la. Queria o bife de qualquer maneira. Eu lhe fiz lembrar que, naquela hora, o açougue estava fechado e o açougueiro não me atenderia. Ele ficou indignado e começou a maltratar-me. Propuz fazer-lhe um chá com torradas - não quiz. Leite com biscoitos - não quiz. Ofereci-lhe marmelada, pão com mel, bolachinhas, tudo que eu tinha em casa. Nada servia. Ele queria o bife. Quando tornei a lhe repetir que ninguém me atenderia naquela hora da noite, ele se enfureceu e jogou-me o relógio. E sabe o que me disse, quando viu que não havia acertado o alvo? "Na primeira oportunidade eu te matarei, velha desgraçada. Si não conseguir um punhal ou um revolver, obrigar-te-ei a ingerir um veneno que trago comigo."

Iracema - Que horror, dona Ismênia! Quando eu lhe digo que a senhora devia mandar o seu filho para um sanatório, a senhora acha que não.

Ismênia - Não, visinha, não. Isso nunca! Nunca farei uma coisa dessas! Prefiro morrer no meu posto do que libertar-me do meu filho por esse meio. Eu não poderia ter mais descanso na vida. Nunca mais! Eu haveria de ~~me~~ encarar, sempre, ^(a mim própria) como uma desertora e isso eu não ^(de maneira alguma) desejo.

Iracema - Está bem, ^{se} a senhora não quer... não faça. Cada um procede como acha que deve proceder. ~~Eu~~ eu lhe advirto que a senhora está correndo um sério perigo, uma vez que ele ^{já} ameaçou de morte.

Ismênia - Não importa. Si eu morrer pelas mãos dele, afianço-lhe que será muito menos doloroso para mim, do que saber que ele está sofrendo a minha ausencia, porque me faltou a coragem de carregar a minha cruz até o lugar determinado por Deus. (Pausa longa. Tor) Que horas são, visinha?

Iracema - Penso que devem ser umas quatro e meia. A senhora estava dormindo quando bateram quatro na torre da igreja...

Ismênia - Que horror! E a senhora aqui acordada, em vez de estar em casa, descansando. Vá para casa, visinha, vá. Eu agora já estou bem e tenho que voltar para o quarto para não ficar tanto tempo longe dele.

Iracema - Não se preocupe comigo, vizinha, eu tenho toda a tarde para dormir, amanhã. Não me custa nada ficar um pouco mais aqui. Não tenho sono mesmo.

Ismênia - Mas a senhora deitando, o sono vem. Vá embora, vá vizinha. Vá descansar. Eu vou ficar mais um pouco aqui recostada e depois volto lá para o quarto.

Iracema - Então a senhora não quer mesmo que eu fique?

Ismênia - Não senhora, muito obrigada. Já não há mais necessidade e depois nem convêm mesmo. Ele não costuma dormir sonos muito longos e pode acordar de um momento para o outro. É melhor que a senhora vá.

Iracema - Está bem, então si é assim, eu vou. E si tornar a precisar, já sabe: não faça cerimônia. É só voltar a bater na parede que em dois minutos eu estou aqui.

Ismênia - Muito obrigada, vizinha. Deus lhe recompense.

Iracema - Bem, então eu vou. Boa noite dona Ismênia.

Ismênia - Obrigada. Boa noite para a senhora também. Quando sair pode bater a porta que ela fica fechada.

Iracema - Eu sei.

OPERADOR - RÁPIDO HARPEJO.

Narrador - Dona Iracema voltou pelo longo e sombrio corredor, buscando a porta da rua. Ao cruzar pela porta do quarto do filho-carrasco da sua infeliz vizinha, a tentação foi mais forte do que o medo e ela parou um instante. Levou a mão com cuidado à meia folha da porta e empurrou-a devagarinho, entreabrindo-a. Ele continuava na mesma posição, imóvel. Ela pensou, intimamente:

Iracema - (baixinho) Que bom que tivesse morrido.

Narrador - Procurou com os olhos o relógio que ele ^{buscara} ~~procurara~~ jogar ao rosto da mãe e ele lá estava, realmente, no chão, sobre um canto do quarto. A luz era baça e não lhe permitia divisar com nitidez o semblante do rapaz. Teve ímpetos de avançar dois ou três passos para vê-lo melhor, mas o receio de ser surpreendida pela vizinha fez com que desistisse daquele intento e cerrando novamente a porta com extremo cuidado, proseguiu seu caminho e voltou para casa. (Para e tom) Na manhã seguinte, apressou-se a procurar minha mãe, para relatar-lhe o acontecido. E o fez com aquela riqueza de detalhes que só ela sabia fazer. O dia seguinte correu normalmente, sem nada de especial que pudesse despertar a atenção da vizinha. À noite, dona Iracema foi ao quintal, para saber, pelo muro, notícias de dona Ismênia.

Ismênia - Estou bem, felizmente. Deitei, depois do almoço e deansei umas duas horas.

Iracema - Eu também dormi a tarde toda. Quando o Deoclécio chegou do serviço, eu recém tinha me acordado. A senhora sabe que nem a janta eu fiz?

Ismênia - É, dona Iracema? E ele não ficou aborrecido com a senhora?

Iracema - Ficou, mas eu nem estou dando bola. Pensa que eu me afobei? Eu não. Dei-lhe café com leite, pão e manteiga e pronto. Eu não deixo ninguém

botar o pé em cima de mim. Não sou como a senhora.

Ismênia - Pois é, mas o que é que eu vou fazer? Cada um nasce com o seu temperamento.

Iracema - Si eu tivesse um filho que me fizesse o que o seu lhe faz... acho que ele fazia uma vez só, porque a segunda ele já não estava mais neste mundo para fazer.

Ismênia - Credo, vizinha! Nem diga uma coisa destas. ~~A~~ A senhora diz isto porque não tem filhos. Si os tivesse, talvez suportasse muito mais do que eu suporto.

Iracema - Não vê! Mais do que a senhora suporta eu nem acredito que alguém possa suportar.

Ismênia - Pois a senhora sabe que às vezes eu tenho dúvidas nêsse sentido? Quantas vezes, depois que eu lhe conto as coisas, eu vou para a cama e não consigo dormir, de remorsos.

Iracema - Óra essa! Remorsos de que? •

Ismênia - Eu começo a perguntar a mim mesma si estarei procedendo corretamente, falando de meu filho para os outros.

Iracema - Falando coisa nenhuma, nem diga isto. Então desabafar uma angústia é falar? Si a senhora não desabafasse, pode acreditar que já tinha estourado ha muito tempo. Ninguém é de ferro. Nem mesmo a mãe mais carinhosa e mais resignada.

Ismênia - Pois é, às vezes também penso isso e só essa ideia é que me consola.

Deoclécio - (de longe, projetando) Iracema! Você já está na humidade outra vez, mulher? Venha para dentro.

Iracema - (furiosa, projetando) Não vou. Eu dormi toda a tarde, não tenho sono e vou ficar dentro de casa fazendo o que? Não adianta você me chamar porque eu não vou. Vá dormir e não me amole. (TOM) Que homem chato.

Ismênia - Quem sabe a senhora vai, vizinha? A humidade pode mesmo lhe fazer mal e não convem arriscar-se.

Iracema - Agora, já, eu não vou, só porque ele me chamou. Daqui a pouco mais eu entro.

Ismênia - E ele não vai ficar zangado com a senhora?

Iracema - Que me importa? A senhora pensa que eu ligo as brazeiras dele? Também, lhe digo: é fogo de palha. Faz aquele barulhão quando eu entro, eu lhe dou o trôco, que eu não fico calada e o dia a meia hora ele está mansinho como um cordeiro.

Ismênia - É para a senhora ver como são as coisas! O meu, quando ficava zangado e começava a praguejar, eu ficava calada e o dia que nem a minha respiração se ouvia e no dia em que eu resolvi dizer qualquer coisa em defesa do nosso filho, ele botou o chapéu na cabeça, saiu e nunca mais apareceu em casa.

Iracema - A senhora se convença de uma coisa, vizinha: o homem, para andar sempre atraz da gente, precisa ser tratado com descazo e superioridade. Sinão, ele pensa que é o tal e a gente está perdida.

Ismênia - É... (suspira fundo) Talvez a senhora tenha razão, mesmo.

Iracema - Talvez, não, que eu tenho; a senhora pode estar certa. (TOM) Bem, agora eu vou para dentro porque si ele chega a me chamar segunda vez, vai dar barulho grosso e eu não quero me incomodar. Boa noite, vizinha.

Ismênia - Boa noite, dona Iracema.

OPERADOR - RÁPIDO HARPEJO.

Narrador - Dona Iracema voltou para dentro e se deitou. Depois de haver dormido o primeiro sono, acordou-se, repentinamente, com a impressão de ter ouvido cair qualquer coisa que se partisse no chão. Apurou o ouvido e ficou na escuta. Nada. Silêncio total e absoluto. E pensou:

Iracema - Eu estava sonhando, com certeza.

Narrador - Virou-se para o outro lado e tornou a dormir. Acordou cedo e o dia todo passou normalmente. À noite, quando pretendeu falar com a vizinha para saber notícias, cansou-se de chamar por ela e de esperar no muro, voltando para dentro, sem que a vizinha tivesse atendido. Deitou-se preocupada e, na manhã seguinte, seu primeiro cuidado foi ir bater à porta de dona Ismenia. (segue a narração sem parar)

CONTRA REGRA - BATIDAS KT EM PORTA, FORTES, ATÉ SINAL DA DIREÇÃO.

Narrador - Embora tivesse batido muitas vezes e com bastante força, a porta não se abriu. Certa de que alguma coisa havia acontecido, procurou, em seguida um telefone ~~xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~ e...

Iracema - É da delegacia de policia? (Pausa) Quem fala aqui é uma pessoa que mora na rua da Fonte, 52. Eu queria avisar que a minha vizinha do número 50 estava doente e agora ha dois dias a casa está fechada e por mais que a gente bata e chame ela não atende. (Pausa) É, sim senhor. Rua da Fonte, 50. O senhor vai mandar agora? (Pausa) Eu vou esperar na porta, então. Obrigadinha.

CONTRA REGRA - RUÍDO DE POUSAR APARELHO NO GANCHO.

Narrador - A policia veio em seguida e arrombou a porta. Dona Iracema, com os olhos ávidos e bem abertos, foi a primeira a avistar, no meio do corredor, o corpo da vizinha estendido no meio de uma porção de cacos de louça de um "cache-pot" que ela derrubara ao cair. Pensou logo:

Iracema - Ah! Foi o barulho que me acordou. Bem que me parou.

Narrador - Dona Ismênia estava morta, fulminada, que fôra, por um colapso cardíaco. Quando o médico legista declarou isso, ela não se conteve.

Iracema - (dramática) Entrem nesse quarto que aí deve estar o homem que a matou. É o filho dela. Faz dois dias que ela me contou que ele havia ameaçado de matá-la.

Narrador - Dois guardas, tirando imediatamente o revolver do cinto, dirigiram-se para a porta indicada por dona Iracema. Todos estavam suspensos e ansiosos. A porta, que estava apenas encostada, cedeu logo à pressão dos dedos de um dos guardas e pasmem todos! O homem estava deitado na mesma posição em que dona Iracema o vira, três dias atrás. O grupo invadiu o quarto e se aproximou do leito. Entreolharam-se todos, sem dizer palavra. Dona Iracema foi a primeira a romper o silêncio com

uma exclamação de verdadeiro assombro:

Iracema - Céus!...É um boneco de cera!... Mas então... tudo aquilo que ela me contou...

Narrador- . era tudo imaginação daquele pobre cérebro doente! (Pausa e tom) Padre Agostinho chegou à tardinha daquele mesmo dia e contou a toda a gente o resultado da sua investigação.

Agostinho - Era uma pobre solteirona que enlouqueceu pela ância incontida de um sonho que nunca foi realizado. Queria ser mãe! À medida que os anos passavam, sem que a sua ^{aspiração} ~~ansia~~ fôsse satisfeita, mais crescia e se condensava o seu aneio maternal. E quando o seu peito se tornou pequeno para, contê-lo... a pobresinha enlouqueceu! O marido não existira nunca, sinão na sua imaginação doentia e o filho... o filho ~~filho~~ cruel que tanto a maltratava... não passara, jamais, de um boneco de cera.

Narrador - E aqui está, meus amigos, o epílogo da história que desejava contar-lhes e a razão porque lhes disse, ao começá-la, que si alguém m'a tivesse contado como verídica, ^{que} eu não teria dúvidas em afirmar que isso não poderia ser sinão um enredo de novela ou de folhetim. Oscar Wilde afirmou que a vida busca imitar a arte; ouvindo-se uma historia como esta, quem poderá dizer que ele não teve razão?

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE PARA ENCERRAMENTO.

DISTRIBUIÇÃO:

| | | | | | | | | |
|---------------|-------------------|---|----------------------|-------------------|---|-------------------|---|-------------------|
| <i>Wilson</i> | Salmen | - | Narrador..... | Wilson | { | Salmen | { | Wilson |
| | <i>Nunã</i> | - | Ismênia..... | Nina | - | Verita | - | Zaira |
| <i>Rinda</i> | Robita | - | Rosa..... | Nina | - | Robita | - | Robita |
| | <i>Roberto</i> | - | Deoclécio..... | Dina | - | Roberto | - | Silva |
| | <i>Lourdes</i> | - | Iracema..... | Lourdes | - | Robita | - | Robita |
| | <i>Darcy</i> | - | Padre Agostinho..... | Darcy | - | Robita | - | Robita |